



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

COMISSÃO DO ESPORTE - SUB. ESP. OLIMPIADAS E PARALIMPIADAS 2016			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0881/16	DATA: 13/07/2016	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 14h50min	TÉRMINO: 16h32min	PÁGINAS: 31

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

ROGÉRIO AOKI ROMERO - Gerente de Esportes do Minas Tênis Clube.
ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Diretor de Área de Esportes Olímpicos e Formação do Esporte Clube Pinheiros.

SUMÁRIO

Debate com Minas Tênis Clube, Esporte Clube Pinheiros, Clube de Regatas do Flamengo e Sociedade de Ginástica Porto Alegre, com vistas à elaboração do relatório de preparação da delegação dos atletas.

OBSERVAÇÕES

Houve exibição de imagens.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Roberto Alves) - Boa tarde, senhoras e senhoras.

Esta audiência pública da Comissão do Esporte é realizada, devido à aprovação do Requerimento nº 97, de 2016, de autoria do Deputado João Derly, com Minas Tênis Clube, Esporte Clube Pinheiros, Clube de Regatas do Flamengo e Sociedade de Ginástica Porto Alegre — SOGIPA, com vistas à elaboração do relatório de preparação da delegação dos atletas, no âmbito da Subcomissão Especial para a Realização das Olimpíadas e Paralimpíadas de 2016.

Convido para se sentarem à mesa os Srs. Rogério Aoki Romero, Gerente de Esportes do Minas Tênis Clube (*palmas*); e Arnaldo Luiz de Queiroz Pereira, Diretor da Área de Esportes Olímpicos e Formação do Esporte Clube Pinheiros (*palmas*).

Informo que o Sr. Ricardo Schwarz, Presidente da Sociedade de Ginástica de Porto Alegre, foi convidado, mas, em função de compromissos previamente assumidos, não pode estar presente a esta audiência pública; e que o Sr. Eduardo Bandeira de Mello, Presidente do Clube de Regatas do Flamengo, também foi convidado, mas não respondeu até o momento ao convite feito ao clube.

Prestigia esta audiência pública o Sr. Ricardo Augusto Palocci, Supervisor da Lei de Incentivo ao Esporte, do Esporte Clube Pinheiros.

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública: o convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 20 minutos para as suas preleções, não podendo ser aparteado; após as exposições serão abertos os debates; os Deputados interessados em interpelar os convidados deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo inteiramente sobre o assunto da exposição, pelo prazo de 3 minutos; será permitida a réplica a qualquer participante que seja citado durante os debates.

Convido o nobre Deputado João Derly, autor do requerimento para a realização desta audiência pública, para assumir os trabalhos.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Boa tarde a todos.

Antes de iniciarem as exposições, eu gostaria de chamar o Sr. Ricardo Avellar a se sentar conosco, representando a Federação Brasileira de Clubes. (*Palmas.*)

Tem a palavra o Sr. Rogério Aoki Romero, para sua apresentação.



O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - Primeiramente, eu gostaria de agradecer o convite ao Sr. Deputado João Derly, em nome do Minas Tênis Clube e do seu Presidente, Luiz Gustavo Lage. É um prazer estar nesta Casa para mostrar um pouco do trabalho de um clube que há 80 anos vem servindo ao esporte belo-horizontino, mineiro e nacional. E temos a perspectiva da participação de 13 atletas, daqui a alguns dias, nas Olimpíadas Rio 2016, nas modalidades de tênis, judô e natação.

Eu não fiz nenhuma apresentação específica para este momento. Vou usar a que Ricardo Santiago fez em Fortaleza, que Ricardo Avellar já conhece, sobre o papel do clube na Rede Nacional de Treinamento.

(Segue-se exibição de imagens.)

Como eu disse, o Minas tem 81 anos, mais de 75 mil associados, mais de 400 mil metros quadrados de área, em quatro unidades, mais de mil funcionários, uma frequência que beira 3 milhões anuais e um índice de inadimplência, que inveja qualquer empresa, de menos de 1% — 0,82%. Então, é uma minicidade, assim como o Clube Pinheiros, que será abordado aqui posteriormente.

Estas são as quatro unidades: Minas I, Minas II, Minas Country e Minas Náutico.

Este é o organograma do clube. Nós temos uma Assembleia, um Conselho Deliberativo, com diretoria eleita a cada 3 anos, e o corpo executivo, da Superintendência Executiva para baixo. Em vermelho, estão nossos quatro pilares: educação, cultura, esporte e lazer. Dentro do corpo executivo, temos as linhas desses quatro pilares. Todos estes outros são apoios — operacional, recursos humanos, administrativo, controladoria, jurídico.

Nós temos oito modalidades de esportes, sendo sete olímpicas — futsal não é ainda.

Vou passar rapidamente sobre o pilar da educação, porque esta é a Comissão do Esporte. Nós temos mais de 200 profissionais e de 18 mil alunos. É algo que dá vida ao clube no dia a dia. Não é um clube de fim de semana, é um clube de toda a semana.

Temos atendimento em lazer com base nas faixas etárias de cada associado, tentando atender todas elas, conforme este gráfico.



Cultura é um pilar um pouco mais tardio, que está se sobressaindo agora. Nós temos o Teatro Bradesco, recentemente inaugurado, o Centro de Memória e o Centro Cultural, que já fazem parte do entorno do circuito cultural da Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, incorporados ao equipamento cultural da cidade.

Vamos à dinâmica da administração do clube. Temos foco em resultados, uma estrutura em células e um programa de resultados.

Eu acho que gestão é a maior diferença do Minas, que tem uma diretoria com atribuições normativas e um corpo funcional com atribuições executivas. Isso é fácil de escrever e muito difícil de ser executado. Mas, estando escrito, já fica mais claro lembrar a todos como funciona.

A Comissão de Gestão auxilia a diretoria, que é voluntária, nessa atribuição.

Vou passar rapidamente pelos objetivos da Comissão de Gestão porque só temos 20 minutos. Temos a visão de sermos referência, sucesso, vitória de forma sustentável através de gerações e a missão de assegurar ao associado plena satisfação e alegria de viver, através de lazer, esporte, educação e cultura. São todos os nossos valores e princípios, isso está bem claro, e cada uma dessas políticas está bem delineada.

Todos os mil funcionários do clube têm acesso a essas diretrizes institucionais básicas, o que facilita muito a comunicação institucional.

Dentro do nosso mapa estratégico, o esporte é o grande foco, gera mais valor ao associado, porque projeta o clube para fora. Os demais, lazer, cultura e educação, são mais para dentro do clube.

Este mapa estratégico é traduzido em uma ferramenta, o *STRATWS*. Por ele nós gestores podemos acompanhar cada meta anual instituída e passada pela diretoria.

Aqui temos um painel de bordo, e é assim que acompanhamos também o desempenho da parte esportiva do clube.

Isto é interessante mostrar. O Minas tem 14 células, envolvendo mais de 50 gestores. O que é isso? É uma visão um pouco diferente do grupo. Às vezes a sua visão está um pouco viciada e alguém de fora percebe e mostra uma solução simples — para ele, de fora —, mas que no dia a dia você não consegue enxergar.



Há uma célula da nossa parceria com a Associação Olímpica Britânica e a Associação Paralímpica Britânica e de formação de atletas e convênios esportivos. Essas células também nós acompanhamos.

O Programa Metas é de resultados. Muito veio da iniciativa privada, de empresas mesmo. O clube não tem fins lucrativos, mas tem que mostrar resultados, que, atingidos e havendo superávit, é repartido com as equipes que alcançarem a meta e demais requisitos.

O Programa Metas também é acompanhado por um sistema. De qualquer local um diretor pode acompanhar nosso programa de resultados. Gerencialmente isso facilita muito. As cores dizem em que temos que dar atenção maior.

Este é o “carômetro”, vamos dizer assim. Há várias disposições aí do sistema e como acompanhar.

Temos também carreira de sucessão, o profissional pode crescer no clube, e matriz de talento, na qual identificamos talentos não só nos esportes — quadras, tatames —, mas dentro da gestão.

Gestão Esporte.

Temos cerca de mil atletas federados, 56 na história olímpica, e participamos de todas as edições das Ligas de Vôlei, tanto masculino quanto feminino, Futsal e Basquete, sendo que no futsal acho que foi a única entidade que participou de todas edições até hoje.

Dentro da Gestão Esporte, nós temos o objetivo de desenvolver não só a parte esportiva, mas também a parte humana do atleta. Para isso, nós temos esta ferramenta, a Matriz de Desempenho Esportivo. Acabamos de fazer uma bateria de segundo teste para avaliar o desempenho, a evolução ou não, do início do ano até este primeiro semestre praticamente. Aí cada técnico vai dar um *feedback* individual para os atletas. Eu acho esse um grande diferencial, por quê?

Os atletas têm diversos estágios. Este gráfico mostra isso. De repente um atleta — você não sabe se ele vai ser atleta olímpico — está nesta categoria, e ele não é o melhor, mas pode no futuro ser um atleta olímpico. O que nós buscamos sempre é o melhor desempenho individual de cada atleta, respeitando a individualidade de cada um. Dentro desse conceito é que montamos a matriz, buscando sempre ele se comparar a ele mesmo. É claro que também existe o



parâmetro da equipe, até para os pais e ele saberem onde estão. Se ele está indo a todos os treinos, está se dedicando, obedecendo às regras, mas seu limite é chegar ao nível municipal, sentimos que também estamos contribuindo com seu desenvolvimento.

Uma ferramenta nova que vai ser entregue em agosto, tanto aos atletas quanto aos pais, é um boletim, que simplesmente vai dizer a frequência nos treinos, vai ter uma consideração geral dos técnicos e aquilo que eu disse, o seu desempenho frente a ele mesmo e frente à equipe, da primeira para a segunda avaliação, como foi ou não a evolução de cada atleta.

Este é outro diferencial do Minas Tênis Clube, os técnicos principais da base. Existe coerência dentro da formação. São técnicos que têm bagagem, experiência, alguns até foram ou ainda são técnicos que trabalham na ponta, para ser referência para todos os treinadores da base, dentro desse objetivo da formação ética do cidadão atleta.

Acho interessante colocar nosso agradecimento, mas também nossa dependência de recursos públicos. O Minas, por melhor que seja, por mais que tenha boa gestão financeira e administrativa, sim, depende de recursos públicos e sempre esteve na vanguarda desses novos mecanismos na lei nacional e recentemente na Confederação Brasileira de Clubes. O Minas vai em busca desses recursos, tanto na lei estadual quanto, mais recentemente, na CBC.

Para terem ideia, este é um gráfico um pouco preocupante, que ao mesmo tempo mostra o compromisso do clube em manter o esporte ativo. O que é isto? É o acumulado no nosso orçamento anual do esporte e o nosso percentual de recursos incentivados. Tivemos de 2009 a 2011 o auge de recursos incentivados, principalmente da Lei de Incentivo ao Esporte. Depois vem decrescendo. Em 2016 tínhamos orçado cerca de um quarto do orçamento dependente dessas fontes de recurso. Estamos tendo que rever, porque algumas não se concretizaram. É claro que isso acaba afetando a qualidade do serviço que prestamos a todos os atletas.

Por fim, só um exemplo: o vôlei masculino está sem patrocínio máximo, mas continuamos participando da Superliga. Ao mesmo tempo a natação teve patrocínio, no último ciclo olímpico, da FIAT, e estamos levando a maior delegação para as



Olimpíadas. Ou seja, não vamos deixar de participar, mas, se quisermos maior excelência, sim, dependemos desses apoios, desses patrocínios.

No planejamento para o próximo ciclo, em Tóquio, nós temos a definição de estratégias, a possível utilização de outras unidades do clube, tanto que o Country já é usado pela modalidade tênis. Enfim, é uma dificuldade a manutenção dos atletas de base, sendo que poucos chegam às equipes de ponta.

Por fim, um Plano Diretor do Minas Tênis Náutico Clube, onde temos dois prédios previstos, um novo ginásio poliesportivo, multifuncional, que vai receber de futsal a judô.

Obrigado pela atenção.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sr. Rogério Romero. Passo a palavra ao Sr. Arnaldo Pereira.

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Boa tarde.

Eu gostaria de agradecer, em nome do Presidente do Esporte Clube Pinheiros, Roberto Cappellano, o convite ao Deputado João Derly, amigo, judoca, e grande batalhador pelo esporte, e saudar Rogério Romero, atleta olímpico, e o Dr. Ricardo Leyser, que nos acompanha aqui pela CBC.

(Segue-se exibição de imagens.)

O Esporte Clube Pinheiros fica em São Paulo, tem o esporte na razão social como primeira palavra — então, nossa vocação é realmente ser um clube esportivo de formação e, se possível, de alto rendimento —, está localizado no Jardim Europa, na cidade de São Paulo, tem 170 mil metros quadrados de área total, sendo 80 mil de área verde, 38 mil associados e completa 117 anos em 2016.

Vou me ater mais ao desempenho esportivo do Clube Pinheiros, porque não me preparei para falar administrativamente.

Nós temos aqui uma amostra do quadro de medalhas dos jogos Pan-Americanos de 2015: os Estados Unidos fecharam com 265 medalhas, o Canadá, com 217, e o Brasil, em terceiro, com 141 medalhas.

Nós temos orgulho e muita vaidade de sempre buscar mais e de nos colocarmos como se fôssemos um país competindo, apesar de as medalhas do Clube Pinheiros fazerem parte do quadro de medalhas do Brasil. Nós ficamos com



30 medalhas no ano passado e seríamos oitavo lugar, se fôssemos um país. Esse é um dado que mostra a pujança do esporte competitivo do clube.

A nossa tradição olímpica vem da família, das gerações de atletas campeões. No total, temos dez medalhas olímpicas: Manoel dos Santos, em 1960, pioneiro das águas do Pinheiros, recordista mundial e medalhista; João do Pulo, em 1976, em Montreal; depois, a primeira medalha de prata da história do judô brasileiro, com Douglas Vieira, em 1984; Gustavo Borges, em 1992, em Barcelona, e em 1996, em Atlanta; Cesar Cielo e Leandro Guilherme, em Pequim, com três medalhas; e em 2012 se confirmou a tradição do judô do Pinheiros, com Leandro, Douglas e Baby, uma medalha de bronze na categoria pesado, que o Deputado João Derly sabe o quanto é disputada em nível mundial.

Nós fizemos o mapeamento, no final de 2015, sobre a composição do quadro de atletas do Clube Pinheiros. Estamos falando em 16 modalidades olímpicas — não de modalidades competitivas, mas modalidades olímpicas. No total, da base ao alto rendimento, temos 4.633 atletas. Na base, na formação temos 3.193. Falando sobre o total de atletas, 4.663, pouco mais de 90% são possuidores de títulos sociais e os quase 10% restantes são não sócios que compõem as equipes e ajudam na formação dos atletas, servindo como espelho.

Nós consideramos a nossa equipe competitiva de 14 a 19 anos. São 445 atletas, que disputam torneios estaduais, nacionais, sul-americanos.

No lado esquerdo, no alto rendimento, tínhamos, em dezembro, 296 atletas, apenas 22% associados e 78% não associados, que brigam por jogos olímpicos, por campeonatos mundiais, seleções nacionais.

Nós temos o esporte de participação, com 729 associados, que competem em diversas modalidades, ligas, torneios de federação, torneios *masters*. Nós fazemos o controle da base da pirâmide de atletas mensalmente. Ela tem evoluído. Existem objetivos de crescimento. Os profissionais do esporte ficam incessantemente em busca disso.

O Clube Pinheiros, como curiosidade, vai participar em dez modalidades, com 65 atletas classificados e convocados para a delegação brasileira, dos Jogos Olímpicos do Rio, e com 12 membros da Comissão Técnica e da Comissão Multidisciplinar. Nós tivemos, em Londres, 23 pinheirenses e, em Pequim, 4 anos



antes, 33 atletas. Falo disso porque o que traz o sucesso do projeto olímpico do Pinheiros, do esporte de alto rendimento, é a possibilidade do fomento, através de leis, de projetos incentivados.

Aqui temos o mapeamento de 2012 e 2015, que seria a base desse ciclo olímpico que está para se encerrar ou para acontecer efetivamente nas próximas semanas no Rio de Janeiro. O Pinheiros teve um *boom* de atletas: de 33 para 65. Por que isso ocorreu? Porque tivemos um período de ouro, de capitação, em 3 anos, de quase 39 milhões nesse ciclo.

Nossos projetos são divididos em: formação, olímpicos aquáticos, olímpicos terrestres. Tínhamos um projeto pequeno específico para o basquete, mas não mais existe, e temos um projeto dedicado aos esportes das modalidades esportivas.

Nós tivemos um pico de capitação em 2012 e 2013 que reflete exatamente o sucesso da formação ou conquista de várias vagas e a formação de vários atletas no topo das seleções brasileiras.

Como eu disse, nós totalizamos quase 39 milhões de capitação nesse ciclo. O projeto com maior aderência é o de formação, que, coincidentemente, contempla o maior número de atletas da pirâmide que eu mostrei lá atrás.

O Clube Pinheiros, neste ciclo olímpico, eu fiz aqui uma brincadeira, uma extrapolação, não contei o ano de 2016, nem consideramos o de 2012 como sendo ano cheio, que foi um ano olímpico. Nós investimos 129 milhões no esporte do clube como um todo, da base até as categorias de alto rendimento, que chegam a quase 130 milhões. Nós podemos considerar que estes números que estão nas barras menores — 28 milhões, 29 milhões, 33 milhões, 37 milhões e 360 milhões — são os valores apenas dos investimentos em custeio, ou seja, um dinheiro puro do Clube Pinheiros.

Somando os 38 milhões dos projetos incentivados aos 129 milhões do custeio no ciclo, estamos estimando, no caso dos Jogos Olímpicos, algo em torno de 168 milhões para o ciclo, de 2012 a 2015. Considerando os 44 milhões de 2016, podemos falar tranquilamente em 200 milhões de reais em investimentos no esporte. Isso não significa que os 200 milhões foram todos para os atletas olímpicos, atletas de alto rendimento. Eles fazem parte do conjunto da obra, ou seja, os quase 65 atletas e 77 membros da delegação pinheirense nos Jogos Olímpicos e 3



paralímpicos tiveram como investimento algo em torno de 200 milhões. Exatamente este foi o custo da brincadeira.

Provavelmente não teríamos tido o crescimento que tivemos no último ciclo para este, 2012 para 2016, se não tivéssemos a possibilidade de captação de leis e projetos incentivados. O Clube Pinheiros se focaria na formação e, no meio da pirâmide, na parte competitiva. Provavelmente o alto rendimento seria feito de modo um pouco mais tímido.

O que temos para 2020 e para 2024? Coincidentemente, o esporte anda em linha. O Sr. Rogério, a cujas palavras eu preste atenção, falou sobre o programa de desenvolvimento de jovens, monitoramento e boletins esportivos. Nós vamos lançar em agosto, após a Olimpíada, um programa de monitoramento maturacional e de formação, que será denominado Projeto Jovens Pinheirenses.

Nós temos entre 2.500 e 3 mil crianças de 4 a 16 anos de idade. Talvez possamos estender até 17 anos. Vamos fazer um grande trabalho. Será um boletim, mas um boletim em que vamos mostrar para os pais, através de aplicativo e senha, todo o desenvolvimento motor, o desenvolvimento de força, o desenvolvimento de coordenação, o crescimento, o potencial de estatura, todas as medidas do atleta, acompanhando todo o desenvolvimento.

O projeto será feito em parceria com a Universidade de São Paulo — USP. Ele está desenhado, contratado, e vamos fazer quatro momentos de mensurações, passando a acompanhar e dar mais subsídios às equipes, definindo que modalidades o atleta poderá praticar, em quais delas ele será mais bem-sucedido, qual o pico do treinamento, qual o momento da menstruação da menina e do desenvolvimento do menino, quando ele deixa de ser menino e passa a ser um homem propriamente dito, quando o técnico pode aplicar mais ou menos carga, evitando problemas futuros e dando condições para que tenhamos jovens atletas no máximo das suas qualidades físicas. Por que não pessoas e cidadãos saudáveis, que possam no futuro abraçar outras profissões, ser competentes e viver a vida com muita saúde, que é o objetivo de um clube esportivo?

No segundo grande projeto que vamos desenvolver, vamos mensurar a conversão em todas as etapas. Nós vamos colocar, dentro do nosso radar esportivo, nós vamos apertar um pouco a nossa equipe de técnicos, para que ela consiga



transformar mais atletas jovens das escolinhas para o competitivo, e do competitivo para o alto rendimento.

Esta passagem vai ser o nosso mapa, a nossa bíblia. Nós queremos transformar mais jovens em atletas competidores e mais competidores em atletas de alto rendimento. Este é um dos nossos objetivos. Para isso, os dois pontos ali elencados fazem parte dos nossos planos para o período de 2020 a 2024.

Existem equipes com muita tradição no Clube Pinheiros, como o judô e a natação, cujo trabalho para o período 2020/2024 já se iniciou. Nós estamos reformulando a equipe técnica do judô e da natação e vamos trabalhar pensando um pouco mais em longo prazo e menos em curto prazo.

Eu me coloco à disposição e agradeço a oportunidade.

Era isso que eu tinha a apresentar.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Sr. Arnaldo.

Passo a palavra ao Sr. Ricardo Avellar.

O SR. RICARDO AVELLAR - Boa tarde a todos. Boa tarde, Deputado João Derly. Boa tarde, Arnaldo e Rogério.

Eu agradeço a oportunidade. Na realidade, eu vim participar desta reunião porque acho que foi uma iniciativa fundamental da sua parte, Deputado. Nós pensamos no esporte e falamos sobre a preparação para os Jogos Olímpicos do Rio 2016, mas, além disso, sobre o que o Brasil espera e o que o Brasil pensa para o esporte para os próximos ciclos olímpicos e paralímpicos. Ninguém melhor do que os principais clubes formadores do País para tratar disso.

É muito interessante participar de uma reunião como esta, saber o que está acontecendo e entender como as coisas são feitas. Hoje a Confederação Brasileira de Clubes representa o Estado na formação de atletas olímpicos e paralímpicos, na política de formação de atletas olímpicos e paralímpicos junto aos clubes.

O Estado, por meio de uma legislação, deu esta incumbência à Confederação Brasileira de Clubes, para que esta exercesse o papel de receber algum recurso de loteria e repassá-lo para dinamizar, para melhorar a formação de atletas dentro dos clubes.



Para nós, é muito importante entender este processo. Ficou claro que, por mais que falemos em outros modelos, por exemplo, de escola, temos outros exemplos — aqui tivemos, talvez, os principais. A realidade cultural brasileira é que o atleta é formado e desenvolvido dentro dos clubes e, de alguma forma, ele passa pelo clube. O clube tem estrutura, tem o profissional, o que facilita as coisas.

Apesar de tudo isso, acabamos de notar que, por causa do tempo e das dificuldades econômicas por que o País passa, mesmo os grandes clubes dependem muito hoje, de alguma forma, do recurso público, de incentivo, de algum tipo de acesso ao recurso público.

Fazer esta discussão é muito importante neste momento porque precisamos enxergar na frente, entender o papel do Governo, o papel do Estado brasileiro em todo este processo e o que traz para nossas futuras gerações.

É importante reagrupar essa meninada, levá-la para o esporte, para um ambiente saudável. Além de ser um canal para o surgimento dos principais atletas brasileiros que vão representar o nosso País, o que incide efetivamente na nossa autoestima, isso cria uma geração com hábitos saudáveis, cria um ambiente saudável, quando falamos em esporte de formação, em esporte de base. Como alguns disseram, a maioria nem chegará a ser atleta de alto rendimento, mas precisa passar por esta experiência.

Hoje a Confederação Brasileira de Clubes, como eu disse, recebe recurso das loterias. Nós já estamos no sexto edital e vamos apoiar, depois de detectar as necessidades históricas e mais recentes, os clubes que precisam modernizar sua estrutura e seus equipamentos.

Nós já estamos pensando no próximo ciclo, até 2020. Já foi lançado um edital para os próximos 4 anos, para recursos humanos, que é talvez a questão mais estruturante e importante para se desenvolver o atleta.

Eu agradeço o espaço a V.Exa., Deputado. Acho esta iniciativa fundamental. Que nós possamos, com este setor, discutir realmente a formação e o desenvolvimento dos atletas brasileiros após a realização dos Jogos Olímpicos no Rio 2016. *(Palmas.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Ricardo Avellar.



Finalizadas as apresentações, vou abrir espaço para os debates. Eu vou fazer as perguntas e depois vou permitir que o público também o faça. Hoje nós temos um número reduzido de Deputados, porque estamos num dia corrido na Casa, em que muitas coisas estão acontecendo ao mesmo tempo. Portanto, nós vamos permitir a todos fazer perguntas.

Eu vou fazer a pergunta, e os convidados podem tomar nota do que eu perguntar.

Como é dividida a aptidão esportiva de cada clube? Quais as modalidades? Isso é feito com base nas estruturas que os clubes já possuem, ou há a intenção de ampliar? Como funciona a escolha pelas modalidades esportivas?

Eu gostaria de saber sobre as condições de moradia, contratação e formato de contratação dos atletas. Isso varia muito de clube para clube, por causa da modalidade. Queremos entender um pouco mais como funciona, dentro dos clubes, a contratação de atletas. Queremos saber se se dá pelo uso da imagem ou se por contrato normal.

Há técnicos de fora lidando principalmente com o alto rendimento?

Qual é o tratamento do Comitê Olímpico com os clubes? Há algum apoio, já que vocês são os grandes fornecedores de atletas às Confederações e ao Comitê Olímpico para as competições, para os jogos mundiais? Qual é o tratamento com os clubes agora, nos jogos?

Que profissionais vocês têm nas equipes multidisciplinares? Eu acho que o representante do Clube Pinheiros nos passou que serão 12 pessoas na Comissão Técnica. Quais são as especialidades? Eles vão ter acesso aos atletas?

Eu sempre fui favorável a esta condição. É importante que os técnicos, o fisioterapeuta, enfim, aqueles que participam do dia a dia do atleta estejam próximos numa competição tão importante como os Jogos Olímpicos. Às vezes, mudanças bruscas podem até afetar um pouco a preparação dos atletas. Então, eu quero saber quantos profissionais acompanharão os atletas do Minas.

Quero saber um pouco mais também sobre a ação social. Não sei se é ação social, sobre o tratamento com crianças que não têm condições de frequentar um clube.



No meu caso, foi assim também. Eu saí de uma escola estadual; meus pais não tinham condições de pagar o clube, mas eu pude frequentá-lo. Isso foi importante para minha evolução no esporte.

Eu gostaria de saber mais sobre o número de crianças que vocês recebem de fora. Eu sei que, na Sociedade de Ginástica Porto Alegre — SOGIPA, há muitos atletas e muitas crianças que são recebidos para fazer treinamento dentro do clube. Eu vim deste clube, que, infelizmente, não pôde estar presente; eu senti a falta da SOGIPA.

Isso reflete muito na vida dessas pessoas, principalmente na área do atletismo, em que um grande número de crianças tem a oportunidade de conhecer o mundo, por meio de viagens, e de ver um novo prisma e novas oportunidades na vida.

Com relação a patrocínios, gostaria de saber se cada modalidade possui patrocínio separado e financiamento para cada modalidade. Não sei se vocês têm esses dados. Como fica o financiamento, por exemplo, do judô?

Nós temos patrocínio privado, temos a Lei de Incentivo ao Esporte. Portanto, como fica todo o investimento dividido um pouco mais por modalidades? Pergunto isso para que possamos saber se os atletas de cada modalidade estão representando o País nos Jogos Olímpicos.

Especificamente no caso da CBC, qual é o papel dela em relação ao desenvolvimento dos atletas nos clubes? Não sei se o Ricardo tem esses dados, se foi pego de surpresa, mas o que está acontecendo em relação a obras ou investimentos da CBC dentro dos clubes e, principalmente, dos clubes que estão aqui representados: o Minas e o Esporte Clube Pinheiros?

Eu acho que estas são as perguntas. Se houver mais alguma coisa, farei as perguntas na sequência. Posteriormente, vamos abrir um espaço para que façam outras perguntas.

O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - Deputado, em relação ao Minas, nós temos concentrado a questão esportiva no Minas I — nossa estrutura já é bem tomada. Como eu disse, por além do esporte de competição dos federados, vamos dizer assim, nós temos 18 mil alunos. Então, a nossa infraestrutura já está



praticamente saturada. Aliás, nós temos uma parceria com o colégio estadual próximo, onde utilizamos algumas quadras para atender a mais atletas.

Eu não vou saber precisar agora o número de não sócios. A propósito, eu fui para o Minas também como não sócio.

Eu sei da importância que há em abrir uma condição, uma oportunidade para aqueles que têm talento e podem contribuir para a formação dos associados. Eu acho que a convivência com diferentes vivências contribui para os dois lados: é um jogo de ganha-ganha.

Com relação às condições dos contratos de atletas, nós temos grande dificuldade em cumprir rigorosamente a Lei Pelé. Eu tenho que expressar isso. Ela exige demais dos clubes, porque é preciso contemplar praticamente tudo para os atletas, e acabamos ficando, digamos, em condições muito vulneráveis.

A contratação é clara, pelo menos num ponto. Ela foi regulamentada recentemente, e ficaram mais claras as formas de contratação. Então, até 20 anos, é possível fazer um contrato de formação dos atletas, isso já está explícito na Lei Pelé. Embora ela seja muito baseada no futebol, especificamente no caso do futebol, eu acho que ela contribuiu para esclarecer um pouco e deu um bom direcionamento para os clubes sobre a forma como eles devem contratar os atletas, de modo a regularizar esta situação, dizendo o máximo de recebimento pela imagem, que hoje é de 40%, segundo a Lei Pelé.

O Minas segue, sim, a legislação vigente.

Com relação aos técnicos de fora, nas nossas oito modalidades, nós temos dois técnicos de fora: um australiano, que está finalizando o ciclo da natação, e um cubano, que está na ginástica artística. Eles realmente trazem de fora o conceito, o conhecimento de já terem levado atletas às Olimpíadas, alguns até medalhistas. Nós também buscamos que esse conhecimento fique. O ciclo do australiano, por exemplo, está acabando agora. Inclusive, a contratação dele só foi possível via lei de incentivo, nasceu por meio de uma lei de incentivo, de modo que pudemos fazer esse planejamento que se encerra agora, após as Olimpíadas.

O relacionamento do COB, o Comitê Olímpico do Brasil, com o Minas é muito bom. Não tenho do que reclamar.



A questão das equipes multidisciplinares. Existem não só nas Olimpíadas, mas também em convocações de diversas confederações. Há sempre um desgaste quanto a isso. Às vezes, o técnico é do clube, é pago pelo clube, mas fica ali, no caso do vôlei, 3, 4 meses à disposição da Confederação. Isso acontece também no futebol. Talvez seja um debate importante a ser feito aqui em futuro próximo.

Realmente isso também fica mais claro, como fica essa relação, se é que ela tem jeito. Hoje, ela funciona, mas há uma dificuldade.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Que modalidades sofrem mais esse problema?

O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - O vôlei, com certeza. Eles têm uma agenda de compromissos muito pesada. Logo que acabou a Superliga feminina de vôlei, o nosso técnico Paulo Coco foi acompanhar o Carlos na Liga Mundial feminina. Ele é técnico assistente lá. E fica lá. Agora vai ficar até a Olimpíada. Não há como. E nós estamos começando agora os treinamentos para a próxima temporada da Liga, sem o nosso técnico.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Os técnicos vão como voluntários ou contratados pela Confederação?

O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - Provavelmente, eles recebem também pela Confederação.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - E a substituição desses?

O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - Não, a Confederação não paga. *(Riso.)*

Mas, enfim, a gente tenta conciliar os interesses. Inclusive, a Superliga foi adiada devido à temporada olímpica, este momento único, fantástico, pelo qual o Brasil está passando agora. Eu acho que a conversa é sempre o melhor. Mas é uma coisa sempre a se colocar na mesa.

Vou dar um exemplo sobre os atletas que são convocados. Às vezes, um atleta de judô vai lá, volta lesionado, e o clube trata dele. O atleta vai novamente para a Seleção, volta lesionado, o clube trata dele, e ele não compete pelo clube. Então, é difícil de haver essa conciliação.

Por último, a questão de patrocínio e financiamento. Lá nós temos uma política de que os esportes da ponta têm que sobreviver. O vôlei pecou exatamente por isso. Os resultados foram aquém do nome do Minas, porque ele não tinha um



patrocinador à altura. Competiu a equipe juvenil mesmo, com um ou outro da ponta só. Então, acaba sendo prejudicado. Mas temos alguns patrocínios eventuais para cada modalidade. No caso do judô, é a Belo Dente, que já vem num bom ciclo e continua conosco.

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Eu vou procurar seguir a ordem aqui, falando sobre as aptidões nas equipes de base. Nós temos lá no clube um programa com mais de 40 anos, que é o Centro de Aprendizado Desportivo. As crianças começam no Centro com 4 anos e, dependendo da modalidade, vão até os 8 anos de idade. De lá são direcionadas de acordo com a sua aptidão para as modalidades. Obviamente, existem as escolinhas de esporte, como a do judô, como a da natação, como a do tênis, em que os pais fazem o direcionamento diretamente. Eles têm esse caminho, essa possibilidade.

O plano do clube, a partir de 2017, é permitir esse caminho direto só no caso da natação. No caso de outras modalidades, como ginástica artística, judô e tênis, nós vamos fazer muita força para que as crianças fiquem praticando as atividades básicas que possam servir para que elas façam a escolha no momento certo e sejam encaminhadas no momento certo para a modalidade correta, para a qual tenham maior aptidão. Vai haver uma briga grande na ginástica artística também, mas nós vamos ter que encontrar uma alternativa, para que os meninos sejam direcionados da melhor forma possível.

Moradia. A Lei Pelé e os próprios projetos incentivados determinam fornecimento de moradia para aqueles atletas que não são da cidade e auxílio-condução para aqueles que são da cidade. O Pinheiros tem uma política que ainda é desconfortável para o clube, a de montagem de repúblicas específicas para cada modalidade e por atletas. São diversas repúblicas. Eu me lembro do número. Nós estamos falando de algo em torno de 100 mil reais por mês para locação de imóveis em São Paulo para oferecimento de moradia a esses atletas.

Existe um problema a ser enfrentado lá no Conselho Deliberativo. Esses imóveis são locados por técnicos, pelos próprios atletas. Nós estamos enfrentando essa dificuldade. Esse é um assunto que pode ser melhor debatido. Tem que ser melhor debatido internamente e também externamente, para se ver como nós podemos fazer isso de maneira melhor.



O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Os alojamentos do Pinheiros servem só para visitantes ou servem também para atletas que treinam dentro do clube?

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Os alojamentos ficaram insuficientes, ficaram antigos. Há alguns anos já, o Pinheiros não possui mais alojamentos. Por uma questão estatutária, os atletas não poderiam morar no clube, dormir no clube. Então, nós eliminamos os alojamentos, para que não tivéssemos esse tipo de problema, e criamos as repúblicas. Esse é um desafio. O Pinheiros pensa num projeto: comprar um imóvel, construir um imóvel, estabelecer uma parceria, nos moldes da do Flamengo, e fazer as repúblicas, com toda a assistência, com todo o cuidado, até com estrutura para alimentação desses atletas que se dedicam ao esporte e não estão na cidade de São Paulo.

Quanto aos contratos, como disse o Rogério, a lei já determina isto: 40%, no máximo, e imagem. A grande maioria, 95%, dos nossos contratos é de formação, alcançam atletas de até 20 anos de idade, de 14 a 19 anos, 11 meses e 30 dias. São os atletas de formação. Existem alguns atletas que têm o contrato de imagem e têm a complementação de outras formas. Até pela lei de incentivo há um teto da bolsa, que, se não em engano, é algo em torno de 5 mil reais. E nós fazemos isso principalmente para as modalidades individuais, terrestres ou aquáticas.

No caso dos coletivos são contratos. E os contratos têm aquele limite dos 40% dos direitos de imagem, e o resto é necessário que seja CLT. É uma parte pesada para o clube. Isso encarece muito. O clube desenvolve os atletas, fomenta, faz fornecimento de atletas para representar o Brasil em competições, e ainda paga direitos trabalhistas sobre isso. Não que sejamos contra isso, mas acreditamos que poderíamos ter um tratamento especial. Seria uma matéria boa para ser discutida. Não sei se já está sendo discutida.

Os técnicos. O Pinheiros, assim como o Minas, assim como o SOGIPA, assim como o Flamengo, assim como o Grêmio Náutico União, assim como tantos outros — eu não quero cometer injustiças —, sempre procura os melhores técnicos dentro do cenário brasileiro, mas nós somos obrigados, às vezes, a trazer técnicos estrangeiros.



No polo aquático masculino, nós temos um contrato que está sendo encerrado com um técnico sérvio; no levantamento de peso olímpico, com um cubano, o Luis Lopez, que é um dos técnicos da Seleção Brasileira; na ginástica artística, com um argentino que já está aqui há muitos anos, está radicado no Brasil; na esgrima, com um russo, que também está há muitos anos conosco, o Prof. Gennady.

Quando encontramos uma oportunidade, um bom custo-benefício e uma real diferenciação técnica, o Pinheiros lança mão de trazer técnicos estrangeiros. Mas o nosso pendor é formar os técnicos, é dar oportunidade aos nossos técnicos de ter um plano de carreira e uma evolução esportiva dentro do nosso clube.

Sobre o Comitê Olímpico, sobre o apoio do Comitê Olímpico, eu costumo dizer — digo isto em todas as oportunidades que eu tenho — que o atleta olímpico de alto rendimento, como foi, por exemplo, o João Derly, bicampeão do mundo, não é formado por um clube, por uma confederação, por um comitê olímpico, por um centro de estudos, por um centro de treinamento, pelo CBC, o conselho brasileiro de clubes, ou por qualquer entidade. Cada um faz um pouquinho.

No Brasil, para se fazer um atleta de alto rendimento, tem que haver a união de várias partes para se chegar a um todo. Nós não temos uma fórmula predeterminada, pré-formatada. O que eu vejo, no caso da natação — não vou falar do exemplo do judô —, é que existe a Confederação, que tem hoje um programa de intercâmbio para os atletas de alto rendimento. Os clubes participam com a manutenção desses atletas. Existem laboratórios que participam do trabalho. Enfim, cada um faz um pouquinho.

O nosso relacionamento com o Comitê Olímpico é o.k., mas não é íntimo. Outro dia, eu vi o Presidente do Minas no congresso dos clubes esportivos, em Campinas, queixando-se de uma espécie de abandono, falando diretamente ao Marcus Vinícius, do COB, sobre o abandono do Minas Tênis Clube com relação a isso. Nós do Pinheiros não nos sentimos abandonados, mas nós sentimos que não somos amigos íntimos, não temos um tratamento como o que deveríamos ter.

Existem aqueles conflitos. Todo mundo quer ser dono do filho bonito. “Ah, nós vamos fazer o treinamento da equipe de remo em Santa Catarina!” O sujeito põe o dedo no vento e fala: “Vamos fazer o treinamento lá em Santa Catarina. Consegui o



patrocinador, alguém que banque o evento.” E o atleta que está bem instalado no clube, que tem o seu barco, perfeito, regulado, instaladinho na raia olímpica da USP é obrigado a se deslocar, no período de treinamento final, de polimento em relação à Olimpíada, para Santa Catarina. E vá convencer o Presidente da Confederação de que isso não é possível!

Outras modalidades são mais profissionalizadas, como o judô. Hoje, eles fazem períodos de treinamento. Isso facilita, mas mesmo assim existe uma dificuldade. Eu acredito que o atleta deveria ser acompanhado pelo seu técnico pessoal, como acontece no atletismo, como acontece na natação, 100% do tempo. A Confederação deveria ter, na minha visão, um técnico chefe, que cuida da programação macro, que discute com os técnicos pessoais, e os técnicos pessoais deveriam acompanhar o atleta durante o tempo todo.

Isso não é um problema de Governo ou um problema de Estado, é um problema de conversa entre o Comitê Olímpico Brasileiro e as confederações. É por isso que eu digo que nós não somos amigos íntimos, porque cada um tem a sua fórmula do sucesso, tem o seu *marketing*, tem a sua vontade de aparecer na televisão, de sair abraçado com atleta, de carregar medalha, enfim.

Não se esqueçam do que eu falei aqui no início: o Clube Pinheiros — eu falo em nome do Clube Pinheiros — é responsável por uma parte bem pequena da formação desses atletas de alto rendimento, haja vista que, na base, são quase 2.500 atletas, e lá em cima só chegam 300. Essa é a maior dificuldade.

O Rogério Romero falou sobre atletas voltarem da Seleção machucados. É uma constante. A questão de o programa de treinamento do clube não ser respeitado no treinamento da Confederação, na maioria dos casos, é verdadeira.

Existem fórmulas positivas. O pessoal da natação consegue fazer um planejamento integrado com a Confederação, porque os técnicos chefes são dos clubes. No masculino é Alberto Silva e no feminino é Fernando Vanzella. Eles conversam sobre o programa, e o programa é seguido. Os técnicos dos núcleos dos atletas cuidam dos atletas.

Isso não acontece na maioria das confederações. Imaginem o que acontece nos esportes coletivos. Nos coletivos — vôlei, basquete —, as confederações são



realmente donas do programa de treinamento dos Jogos Olímpicos, dos Jogos Pan-Americanos e dos campeonatos mundiais, e os clubes participam muito pouco.

Eu volto a dizer: nós temos um relacionamento o.k., mas não somos amigos íntimos. Essa é uma oportunidade de melhoria para nós do Pinheiros.

Trabalhos sociais. O Pinheiros fez recentemente uma alteração nos seus estatutos, nos seus regimentos, nos seus ordenamentos. De 350 atletas não pertencentes ao quadro social, passamos a ter 550 — aumentamos em 200 o número de vagas. Isso representa algo em torno de 10% do total dos nossos atletas. Esses são os atletas que compõem as equipes, que fortalecem as equipes, que tornam as equipes muito competitivas, que servem de espelho para os atletas associados. É um trabalho social que realiza o Pinheiros, que fornece treinamento, alimentação, educação, escola, moradia. Eu tenho diversos exemplos de atletas que todos conhecemos que começaram muito pobres lá no clube, e depois passaram a ser ícones do clube.

O Prof. João Gonçalves Filho — já falecido —, egresso do Fluminense, do Rio de Janeiro, entrou no Pinheiros. Motorista de caminhão da Vigor, transportava leite no trecho, se não me engano, de São José dos Campos ou de Lorena até São Paulo. Ele estacionava o caminhão dele atrás da Rua Hans Nobiling e entrava. Treinava polo aquático e natação, competia. Ele participou de cinco Olimpíadas como atleta, foi recordista sul-americano e pan-americano de natação, foi campeão pan-americano de polo aquático, foi atleta de judô, foi técnico da Seleção Brasileira de Judô. Foi casado com uma saltadora do Fluminense. Foi formada uma família pinheirense. Casaram-se, tiveram filhos. Uma das filhas se casou com o goleiro da Seleção Brasileira de Polo Aquático, o Gilberto Marcos Freitas Guimarães, que conquistou medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos. O filho desse casamento, do Beto e da Cristina — são netos do João Gonçalves e da D. Vilma —, é o Grummy, o Gustavo da atual Seleção Brasileira de Polo Aquático, um dos astros dessa seleção.

Existem várias histórias do esporte, e eu estou contando apenas uma delas, mas é uma história que mostra o trabalho social que o Clube Pinheiros faz há mais de 1 século — nós estamos com 117 anos. É um orgulho nosso, e nós temos várias



outras histórias parecidas com essa, que podem e devem ser contadas. Esse é o maior legado que o esporte pode trazer.

No Minas existem histórias assim. Aliás, o esporte brasileiro é feito de histórias como essas. Eu costumo dizer que só dinheiro não faz esporte. O esporte de alto rendimento, o esporte de formação e o de competição são feitos juntando-se pessoas, juntando-se partes, e com muita conversa e muita união. Ninguém é dono da medalha, ninguém é dono do atleta. O atleta não gosta de ter dono. O atleta é um ser humano normal, e é também um cara especial, que come, descansa, treina e dorme; come, descansa, treina e dorme; come, descansa, treina e dorme. E compete. Esse é o atleta.

Patrocínios. Hoje, o patrocínio puro, o patrocínio *clean*, como falamos, ou seja, a empresa vai lá e coloca dinheiro em cima da mesa, esse patrocínio acabou, não existe mais. Hoje, as empresas aportam recurso através dos projetos incentivados, resultantes de lei federal, de leis estaduais — temos isso em São Paulo —, e na verdade elas se beneficiam um pouco da imagem de marca junto aos atletas. Algumas empresas fazem questão de apoiar algumas modalidades. Determinado banco, um dos maiores, faz questão de pôr dinheiro no atletismo. Uma companhia de água de São Paulo faz questão de pôr dinheiro na natação. Uma indústria de canetas faz questão de pôr dinheiro no judô, e por aí vai. Eles escolhem onde a imagem deles fique agregada.

João Derly me pediu a relação dos atletas nos Jogos. Vou mandar para ele, por *e-mail*, mas faço questão de ler algumas coisas aqui. No atletismo, nós temos 16 atletas já classificados, e quatro atletas estão aguardando a cota. Eu não coloquei isso naquela minha conta. Há aquela cota do país, aquele índice técnico. Têm que estar entre os 12 do mundo, entre os 24 do mundo, e eles terão índice. Então, nós já temos 16 convocados.

Na esgrima, nós temos dez. Desses dez atletas da esgrima, quatro são associados e foram formados dentro do Pinheiros, na base. Começaram lá com 6 anos de idade. Nós temos orgulho de ter formado quatro associados que estão nos Jogos Olímpicos.

Na ginástica artística, nós temos dois atletas, o Nory e o Francisco Barreto Júnior, o Chicão, que estão entre os cinco da equipe da ginástica artística.



Nós temos uma garota no handebol, a Mayara.

No levantamento de peso olímpico, nós temos quatro atletas, o Mateus, a Rosane, o Ellison e o Fernando Reis, que pode ter uma chance de beliscar uma boa classificação. Foi formado no Pinheiros, começou naquele programa que eu citei no início, no CAD, no Centro de Aprendizagem Desportivo.

Na natação, Rogério, 11 atletas, considerando a nossa nadadora de peito, a Jhennifer, que está participando do revezamento. São 11 atletas, no masculino e no feminino.

No polo aquático, são 15. A lista do polo aquático não saiu oficialmente, pode ser mais um ou menos um, no masculino e no feminino. A seleção feminina é praticamente do Clube Pinheiros.

No remo, nós temos a Vanessa.

Nos saltos ornamentais, nós temos o Jackson, que vai fazer a plataforma sincronizada.

Os técnicos. Nós temos, no remo, o Alexandre Nunes. No polo aquático, o Roberto Chiappini é auxiliar técnico da seleção feminina, e o Williams Morales é preparador físico. No levantamento de peso olímpico, o cubano Luis López é o técnico. No handebol, Alex é o assistente técnico. Na esgrima, o Marcos Cardoso vai ser técnico da equipe de sabre. No atletismo, o Clodoaldo Lopes do Carmo é o técnico da equipe principal — esse atleta foi finalista, em Barcelona, dos 3 mil com obstáculos, é um grande profissional que nós temos —, e o Cláudio Castilho vai ser técnico pessoal da Adriana Aparecida, que é a maratonista. O Cláudio atualmente é o nosso Gerente de Esportes.

Esse é um panorama da nossa equipe.

Eu acho que é isso. Eu não tenho mais nada a acrescentar. Não sei se há perguntas.

O SR. RICARDO AVELLAR - Vamos falar um pouco da CBC.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Ricardo, eu gostaria de adicionar uma pergunta sobre a lei de isenção de IPI para importação de materiais. Eu sei que o Comitê Olímpico hoje tem direito a isso — aliás, tinha, porque a lei perdeu efeito no ano passado. Estamos aguardando. Nós aprovamos proposição



nesta Casa. Foi aprovada no Senado, e houve um veto. Ela ajudaria bastante no trabalho de vocês.

O SR. RICARDO AVELLAR - Quanto a isso, nós já tínhamos até conversado, Deputado. A lei anterior dava essa isenção à Confederação, aos Comitês, aos Municípios, aos Estados, ao Governo Federal. A proposta que trouxemos é justamente para estabelecer essa possibilidade também para os clubes esportivos, porque, na realidade, é onde se faz a formação, é onde o atleta treina.

O senhor sabe melhor do que todo o mundo que o equipamento precisa chegar, e chega com um custo muito elevado, em função dos encargos.

É uma luta que a CBC, em nome dos clubes, tem realizado, no sentido de tentar articular. Nessa nova discussão, é importantíssimo que haja essa isenção de qualquer forma, mas seria muito importante que os clubes também tivessem direito a essa isenção.

Hoje a CBC, na realidade, recebe recursos da Caixa Econômica Federal, através das loterias, para que os clubes invistam na formação esportiva. Formação até que ponto? A CBC já fez alguns seminários, algumas discussões com os clubes, até para definir o que é essa formação. É faixa etária? Até onde vai? Como fica? Hoje temos definido um programa de formação para que esses recursos atendam até a categoria abaixo da principal.

Discutindo com os clubes e vendo várias teorias, entendemos que a formação e o desenvolvimento do atleta acontecem durante todo esse período. Então não há como dizer que vão ser 8, 9, 19 ou 20 anos, porque cada modalidade tem sua realidade. Foi o máximo que se conseguiu padronizar.

Dentro dessa perspectiva, também houve várias discussões sobre o que a CBC poderia contribuir nesse sentido. A CBC não tem atleta, a CBC não forma atleta, a CBC não executa diretamente nada. Ela faz esse planejamento junto com os clubes e define as prioridades ou as questões mais estruturantes, para olhar para frente e tentar mudar ou voltar a uma realidade que os clubes já viveram, de maior possibilidade, de maior facilidade de trazer mais gente, de fazer mais atletas de várias modalidades, especificamente olímpicas e paraolímpicas.

Até o momento, como eu falei, já lançamos seis editais, já temos cinco editais em execução e já foram repassados cerca de 70 milhões de reais para vários



clubes. Esses 70 milhões de reais investidos foram, inicialmente, para modernizar a parte de equipamento e material esportivo.

A CBC não oferece apoio com recursos para obra, não faz obra, não agrega nada nesse sentido. É uma entidade privada. Ela não faz obra. Ela tem participação em competições também, para tentar fazer com que os clubes que já participam tenham mais tranquilidade e possam participar com mais frequência das competições regionais e nacionais e, assim, também trazer os clubes que não tinham condições de participar para que possam participar de competições.

E aí você gira todo o sistema, você começa a girar a federação, a confederação, e ocorre a entrada de mais clubes, há mais qualidade na competição.

Essa é outra vertente, porque sabemos que há dificuldades. Historicamente, muitos pais fazem isso dentro dos clubes. Em vários clubes, os pais é que bancam a viagem, mas não dá para bancar todas as viagens. Vamos então ocupando esse espaço.

Outro recurso que está, na realidade, comprometido. Abrimos um edital agora, para o ciclo de 2016 até 2020, de 195 milhões para pagamento de recursos humanos, só para equipe técnica e equipe multidisciplinar. Equipe técnica — técnico e auxiliar técnico — e equipe multidisciplinar. Para a formação, há possibilidade de contratar preparador físico e fisioterapeuta.

Esse vai ser um convênio para cada clube durante um período de 4 anos. Entendemos que, na questão de recursos humanos, dá para, todo ano, parar e repensar. E, na hora que se pensa, paralisa-se a atividade e leva-se um tempo para formalizar. Então, vai ser um convênio de 4 anos para manter o próximo ciclo apoiado, para dar uma ajuda, uma força para os clubes nesse sentido.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - A partir de quando?

O SR. RICARDO AVELLAR - Já está aberto. Os recursos devem ser repassados a partir de dezembro deste ano. Ele alcança 2017, 2018, 2019 e 2020.

Então, é isso. Temos feito tudo sempre discutindo com os clubes sobre suas necessidades, sobre suas prioridades. A CBC tem um plano estratégico, tem um mapa estratégico, tem suas diretrizes já definidas para utilização desses recursos nas linhas permitidas pela lei, mas, obviamente, tudo isso tem uma construção que,



realmente, vimos aprendendo muito com quem faz, e o papel da CBC é viabilizar, para que esse recurso chegue a quem tem que chegar, que é o atleta.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Obrigado, Ricardo.

Vamos às perguntas. Quem for usar da palavra, por favor, identifique-se antes.

O SR. GABRIEL - Deputado, meu nome é Gabriel. Eu sou da Consultoria Legislativa da Casa. Queria, só para esclarecer um pouquinho mais a questão, aprofundar a exposição do Ricardo, relativamente à distribuição dos recursos da CBC.

Ricardo, você mencionou que a distribuição, basicamente, é feita pela questão dos editais. A CBC faz um edital para que os clubes participem. Tenho duas colocações. A primeira: como é a participação dos clubes na elaboração desses editais? Ou seja, essa necessidade dos clubes é contemplada, eles participam do processo decisório para ter um edital em relação a convênio para pagamento de recursos humanos, compra de equipamentos?

Outro ponto: a CBC também trabalha com projetos individuais dos clubes? Ou seja, apresentando os clubes alguns projetos para a CBC, isso também é avaliado? É determinado objetivamente quanto vai para cada clube, ou quais as modalidades que a CBC pretende viabilizar ou apoiar em cada clube?

Eu queria que aprofundasse um pouquinho essa questão.

O SR. RICARDO AVELLAR - Primeiro, é importante destacar que esse processo é muito novo, muito recente. Está, basicamente, funcionando do meio de 2014 até agora. Entendemos que é um processo que ainda está em construção. De qualquer forma, tudo que é feito pela CBC é discutido com os clubes.

Para se chegar a definir que um edital agora vai ser de recursos humanos, além de ter sido feito um seminário, foi feita uma pesquisa de demanda com os clubes para o próximo ciclo. Então, o clube mostrou que ele gastaria "x" em que ações principais? O clube colocou então o seguinte: contratação de pessoas, competições, equipamento, material, isso e aquilo. Enfim, no final, a pesquisa mostrou que a prioridade, que a necessidade maior seria, neste momento, recursos humanos.



A CBC vai, em função disso, definir que o primeiro edital, após essa pesquisa, após esse seminário, seria relativo a recursos humanos. E assim deve seguir com o próximo resultado em competições e abrir um edital para essa participação em competições. É diferente de outros editais, por exemplo, do Ministério do Esporte, em que o edital é aberto, em que se apresenta qualquer tipo de demanda, qualquer tipo de projeto. Os editais da CBC são específicos. Num determinado momento, abre-se um edital só para material e equipamento esportivo. O clube pode apresentar seu projeto, sim, mas para aquele objeto.

Em cada edital, em função até dos recursos, existe um limite máximo de apresentação de proposta e um limite mínimo. O clube pode apresentar seu projeto dentro desses limites. Temos feito até um tipo de...

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Há diferenciação dos clubes, em número de atletas em Olimpíadas ou em número de associados?

O SR. RICARDO AVELLAR - Não. Como critério?

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - É igual para todos?

O SR. RICARDO AVELLAR - É igual para todos. Na realidade, os critérios de avaliação em um edital estão definidos dentro do Plano Estratégico da CBC. Ou seja, o que se quer com esse recurso? O que a política pública, o que a política quer com esse recurso? Quer aumentar o número de atletas em formação? Quer qualificar esse atleta em formação? Quer preparar mais treinadores ou recursos humanos da área? Então, há vários indicadores e metas de uma política que vão para os editais. As notas vêm em função dessas políticas.

Quanto aos editais, há um valor mínimo, um valor máximo, e o clube apresenta o seu projeto quanto àquele objeto. A CBC não recebe projetos avulsos no decorrer do ano. Imaginemos que o Minas, por exemplo, quer fazer um campeonato brasileiro e manda um projeto para a CBC apoiar. Não há como fazer isso. Todo recurso da CBC só é distribuído por meio de concorrência.

Mais alguma questão?

O SR. FERNANDO - Sou o Prof. Fernando. Primeiro eu queria parabenizar o Pinheiros pela quebra da hegemonia da BM&F no Troféu Brasil de Atletismo.

Gostaria também de falar de um detalhe que o diretor não disse. O treinador Clodoaldo, na década de 80, foi recordista brasileiro na prova dos 3 mil com



obstáculos. Um detalhe interessante: o resultado que ele fazia à época, na década de 80, os atletas de hoje não conseguem fazer.

Uma pergunta: qual é a porcentagem de atletas do Pinheiros nas competições de categorias de base, infantil e juvenil, em âmbito mundial?

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Desculpe-me, eu não entendi bem essa última pergunta.

O SR. FERNANDO - Vários atletas do Pinheiros foram para as Olimpíadas. Para os mundiais da categoria juvenil, nas competições de base, também tem grande participação o Pinheiros?

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Olhe, existe participação, mas eu afirmo que é uma participação mais discreta do que a do alto rendimento. Por quê? Porque faz parte do momento da formação ainda, daquela formação que eu mostrei, na pirâmide, de 14 a 19 anos.

Eles não estão no ápice, mas existe um objetivo de passagem cada vez melhor em cada uma das etapas. Eu acredito que o número de convocados agora para as seleções principais é superior ao número de convocados que nós temos nos mundiais sub-21, sub-19, sub-18, justamente porque os atletas ainda estão em formação.

Falo um pouquinho sobre o Prof. Clodoaldo. Realmente ele é um craque. O atleta que vai representar o Brasil ficou 2 segundos acima do tempo dele de Barcelona, nos 3 mil com obstáculos. É com tristeza que eu falo isso. O Clodoaldo foi um grande atleta, é um grande líder de equipe, mas é com tristeza que digo que nós não temos, depois de tantos anos, um atleta que pelo menos se aproxime do tempo que o Prof. Clodoaldo atingiu em Barcelona. Então, é uma notícia boa, mas não é tão boa assim.

A BM&F dominou o Troféu Brasil, nos últimos 15 anos, com a denominação BM&F e, pelo menos por mais 10 anos, como Funilense, ou alguma coisa lá nos clubes do ABC, de São Caetano. Eles têm a hegemonia por muitos anos.

O Pinheiros tem a posse definitiva de um Troféu Brasil de Atletismo. Depois que o clube ganha cinco, fica com a posse definitiva. A última vez que ele ganhou foi em 1970, há 46 anos. Eu me atrevo a dizer que foi a maior conquista, por equipes, de modalidade individual, dos últimos 20 ou 30 anos da história do Pinheiros.



Eu assisti a alguns campeonatos emocionantes de natação, mas eu não vi, no Troféu Brasil, no revezamento 4 por 400, os últimos dois atletas quebrando uma hegemonia de tanto tempo.

Para nós que fazemos o esporte, são muito gostosas essas histórias esportivas. Eu costumo dizer que o atletismo é um esporte de base. Ele tem uma capilarização impressionante. Bateu recorde de curtidas e de visualizações de vídeos nas redes sociais a conquista do Pinheiros no atletismo.

O atletismo é um esporte muito maltratado no Brasil atualmente. Esse divórcio que existe, esse distanciamento, essa amizade pouco íntima entre os clubes, o Comitê e a Confederação tem como um dos piores exemplos o atletismo. Nós estamos lá porque nós gostamos do atletismo, mas é um problema.

O SR. FERNANDO - Concordo em gênero, número e grau. *(Riso.)*

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - O regime especial para atletas pode ficar para outro momento — o Gabriel disse que está sendo discutido na nova Lei Pelé —, e com referência ao futebol. Eu acho que também vão discutir, no caso de outras modalidades, um regime especial de contratação para atletas. Talvez, em relação ao futebol, seja uma boa discussão a se levantar.

Acho que só há mais uma pergunta. Eu ia fazer outras, mas creio que esta aqui é suficiente. Como vocês lidam com os problemas entre os sócios e os atletas? Há muitos sócios que, às vezes, são contra haver esporte dentro do clube. Como lidar com isso, porque muitas vezes esse protagonismo do esporte chama muitos sócios? Como lidam com isso?

O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - Esse é um tema sempre nevrálgico. Eu, como ex-atleta de natação, costumo dizer que a natação fica muito exposta, porque a piscina é um local privilegiado, onde o sócio vai muito. Até hoje é um local onde há muitas reclamações.

Se houver e for seguida uma regra muito clara, uma diretriz da diretoria, do conselho, isso dá o respaldo necessário para que o esporte seja feito, e se faz a utilização. Logicamente, para fora, o esporte está sendo a vitrine. É aquilo que eu mostrei.

O Minas hoje não é reconhecido pelos 18 mil alunos que existem lá, não é reconhecido pela cultura, não é reconhecido pelo lazer, é muito mais reconhecido



pelo esporte. O esporte é o que dá visibilidade e agrega algo para o clube. Agora, agradar a todos, nem Jesus Cristo!

O Minas trata disso por meio de uma comunicação bem eficiente entre todos os associados, a respeito de como vai ser, se há alguma competição que vai mexer com o dia a dia, com o cotidiano do associado. Eles fazem isso com a devida antecipação. Então, isso minimiza muito esse estresse.

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Lá no Pinheiros é muito parecido. Um associado que não tenha nenhum parentesco com algum familiar em linha direta no clube paga 70 mil reais para entrar de sócio do clube.

Título e transferência. Vejam quanto vale receber 550 atletas não sócios, quanto isso custa e que tamanho tem esse trabalho social. Mas o espaço que nós temos é aquele. Nós não pretendemos ter centro de treinamento externo, porque temos a certeza de que, quando pegamos uma modalidade e a fazemos fora, quebra o encanto, a cadeia não se retroalimenta. Então, nós temos que fazer tudo lá dentro. Como disse o Rogério, há regras de utilização da piscina e das raias. As raias livres para o associado que quer nadar têm que obedecer a uma certa demanda.

Quando inauguramos a piscina Myrtha, nós fizemos uma pesquisa de 4 meses da utilização da piscina. Depois nós fizemos um quadro e constatamos que não precisa haver seis raias livres, pode haver quatro neste horário; mais neste horário e menos naquele. Estamos tentando distribuir e colocar as regras muito firmemente. Isso acontece em tudo: na pista de atletismo, na piscina, nas quadras de tênis. É um problema.

Eu costumo dizer que ninguém entra no Pinheiros para ir ao restaurante ou para ir ao baile de carnaval. Todos entram no Pinheiros em função do esporte, para praticar o esporte, para pôr o seu filho numa escola de excelência em esportes, não pensando que ele possa ser um campeão olímpico, mas por que não ser um atleta olímpico e por que não ter uma formação esportiva?

Então, os clubes esportivos só sobrevivem com esporte. Os clubes que terminaram o esporte faliram. O Tietê, lá em São Paulo, acabou com o esporte e faliu. Eu costumo dizer isso. Eu aprendi com o meu Prof. Cesar Roberto Granieri, do



SINDICLUBE, que o esporte está na razão social. Quando se acaba com o esporte, acaba-se com a vida do clube.

Então, Deputado João Derly, sendo mais objetivo, lembro que nós fizemos uma grande pesquisa com os associados, envolvendo 3 mil associados, neste ano de 2016. A maior percepção de orgulho que o associado tem é pelo desempenho dos atletas no esporte. Nós não temos dúvida de que aqueles incômodos que ocorrem pela ocupação, pela falta de espaço, eles podem ser administrados, porque há um bem muito maior, e nós temos que cuidar disso.

Há outro problema que é assim: por que o meu filho não tem o mesmo tratamento do atleta não associado? Por que o técnico dá preferência ao atleta de rendimento? Por que ele não tem...? Então, a nossa briga é fazer com que todos tenham as mesmas oportunidades e o mesmo tratamento.

Somos latinos, temos sentimento: *“Ah, meu filho não foi escalado, não entrou no revezamento, não entrou na equipe, deram preferência para outro”*. Nas categorias de base, nós temos aquelas regras de acesso, ou seja, você tem que dar preferência ao atleta associado. Por exemplo, no handebol, até determinada idade, nós sabemos que cada equipe pode ter um até tal idade; dois não associados até outra; três. Assim nós vamos cuidando dessa perenidade do esporte, mas esse conflito sempre existe, sempre existirá e é saudável, haja vista a história que eu contei antes da família Gonçalves. Podem falar o que quiserem. Os caras estão lá, fizeram história e vão continuar fazendo história. E nós, que gostamos do esporte, temos que lutar por ele com unhas e dentes.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Finalizando os debates, passo a palavra aos expositores para fazer suas considerações finais.

Concedo a palavra ao Diretor Arnaldo Luiz.

O SR. ARNALDO LUIZ DE QUEIROZ PEREIRA - Gostaria de agradecer a oportunidade e dizer que o Esporte Clube Pinheiros está à disposição para mais debates, para mais conversas. Nós estamos sempre prontos a conversar sobre esporte.

Muito obrigado.

O SR. ROGÉRIO AOKI ROMERO - Agradeço o convite, em nome do Minas, também nos colocando à disposição para outros debates.



O SR. RICARDO AVELLAR - Deputado João Derly, agradeço também a oportunidade de fazer parte desta Mesa. Como eu falei no início, acho que esta foi uma grande iniciativa, e aguardamos ansiosamente por outros momentos como este, porque acho que é o momento certo para discutirmos o que vamos fazer do nosso esporte após os Jogos Olímpicos Rio 2016.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado João Derly) - Agradeço aos nossos convidados as suas elucidações, que foram muito importantes. Nesta preparação dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, nós ouvimos as diversas Confederações, ouvimos as Forças Armadas e agora tivemos a oportunidade de ouvir os clubes. Tiraremos daqui as experiências do que esta Casa poderá contribuir para o desenvolvimento do esporte brasileiro.

Então, fico muito grato pela presença de cada um que esteve aqui. Teremos outras oportunidades de até discutirmos a questão do regime especial para atletas. Enfim, há diversas ações que podemos discutir. O que houve aqui hoje foi só o início de uma caminhada.

Antes de finalizar os trabalhos, quero agradecer a presença de todos.

Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a presente reunião de audiência pública.

Muito obrigado.